

OFICINAS DE MUHIPITI

planeamento estratégico
património
desenvolvimento

organização:
Walter Rossa
Nuno Lopes
Nuno Simão Gonçalves



CASAS DE MACUTI

Bernardo Xavier
Victor Mestre

Missão-encomenda previamente formulada

A par com a oficina do Plano Diretor de Refuncionalização da Fortaleza, esta tem sido oficina-tema usada como exemplo do que e como o pretendemos fazer, ou seja, do conceito que preside ao evento. Porquê? Porque reproduz a ideia de potenciar a instalação da universidade na Ilha como forma de criar efeitos económicos e sociais que de facto instalem um novo modelo de desenvolvimento que melhore as condições de vida dos residentes, proporcionem uma melhoria das condições de acolhimento dos universitários e visitantes e, ainda, promovam uma vaga de fundo de reabilitação do edificado dentro de lógicas de valorização e desenvolvimento integrado do património cultural, material e imaterial, da Ilha. A encomenda é muito simples: desenvolver um reduzido número de projetos-tipo para intervenção de reabilitação em algumas casas (de famílias que para isso se voluntariem) do Bairro de Macuti, que com recursos mínimos melhorem significativamente a qualidade habitacional e dotem cada fogo de um lugar pago de alojamento de estudante universitário, gerando assim uma forma de rendimento adicional com impacto significativo na família. A intervenção tem de se pautar por um respeito extremo pelas características construtivas e hábitos residenciais. Impõe-se desde logo uma identificação prévia das famílias voluntárias, pela equipa da FAPFUL, por forma a que o trabalho da oficina possa começar por uma visita e levantamento das casas, bem como uma conversa com as famílias por forma a tomar conhecimento dos seus requisitos e expectativas, bem como a integrá-las no processo.



Refiro-me à habitação no sentido do espaço que acolhe as funções familiares decorrentes do ato de residir. Não estou assim, neste sentido, a falar apenas de espaço construído ou das construções. Estou, sim, a referir-me ao conjunto de espaços, abertos ou não, que o núcleo familiar usa diariamente para satisfazer as necessidades domésticas dos seus membros. O espaço aberto e polivalente do quintal, a casa propriamente dita e as dependências, o espaço semi-protegido do alpendre, a sombra da varanda ou de uma árvore suficientemente encorpada são parte integrante da noção de habitação que aqui uso (Carrilho *et al.*, 2001: 5).

1. A GEOGRAFIA E O CONTEXTO SOCIAL E CULTURAL

Como sempre, os contextos territorial, social e cultural da *casa de macuti*, da Ilha, surgem fundidos pela sua interdependência de séculos de instalação de diversas comunidades. A geografia é caracterizada pela Ilha no centro da baía que a protege e lhe potencia uma microeconomia de base familiar. O frágil casario da *cidade de macuti*, anichado ao chão da antiga pedreira, protege-se dos ventos, mas sofre com os problemas de drenagem da pluviosidade forte. As casas de alvenaria de piso térreo e os sobrados senhoriais, exprimem uma identidade soberana numa volumetria de matriz canónica austera e densa, com escala e harmonia.

A Ilha acumulou sedimentos de diversas culturas em viagem, adaptados às suas particularidades. Na *cidade de pedra e cal*, transparecem os quintais rodeados de muros altos. Muros de sombra aos quais internamente se encostam alpendres, caramanchões, por vezes as escadas de alvenaria que acedem às varandas altas das traseiras dos sobrados ou aos extensos terraços de onde se avista o mar. No quintal, tempera-se a força do calor com as árvores de fruto, o que contrasta com o rigor árido das ruas de areia e fachadas de tom pastel. No quintal, de novo, que até tem mais ares de pátio, veem-se poços e cisternas com elaborados sistemas de caleiras para a recolha gravítica da água dos diversos terraços construídos num sistema em que (de baixo para cima) a argamassa cobre estrados de grossos troncos de *mecrusse*, onde se apoiam transversalmente os barrotes que suportam a *laca-laca* (ver infra) e, finalmente, as lajes de pedra de coral revestidas por uma mistura de cal, gordura vegetal, carvão moído, areia fina e raízes de *murrapa*, que garantem a estanquidade, mas todos os anos têm de sofrer manutenção (Lobato, 1966).

Na *cidade de macuti*, a sombra possível é a proporcionada pelo prolongamento das coberturas, protegendo a varanda elevada do chão, em alvenaria rebocada, que forma um banco ao longo da frontaria. A rua e o quintal medeiam a vida social que decorre entre vizinhos numa extensão da vida familiar. Raquel Soeiro de Brito sintetiza:

As casas, pequenas, quadradas ou ligeiramente retangulares (a grande maioria poderá ter 8 x 9 m de lado), são na sua quase totalidade de pau a pique, revestidas de terra amassada, e hoje, a maior parte caiada de claro e com rodapés e umbrais de portas e janelas de cores vivas. Grande parte delas à primeira vista parecem autênticas casas de alvenaria, e só percorrendo as vielas e observando as traseiras há a certeza do tipo de construção. A par destas, certo, existem outras não caiadas e até só ainda de olas. [...] Todas estas casas comportam uma sala de visitas e um ou dois quartos de dormir – mais raramente três. Por vezes ainda no quintal ou na varanda se constrói outro minúsculo quarto, reservado às crianças ou a aluguer. O mobiliário é sempre constituído por mesas, cadeiras, bancos, camas de madeira e cordame de cairo e várias esteiras para dormir (Brito, 1970: 10).



O pequeno poço tem lugar incerto, por vezes no quintal em frente de uma casa, outras numa confluência de ruas. Na informalidade foram-se acomodando sucessivas adições, as casas cresceram sobre as ruas, os anexos construídos nos pequenos quintais de vedações de caniço transformaram-se em casas e, assim, retiraram área aos logradouros e às ruas. Estes bairros são estruturas orgânicas instáveis, com um pulsar vigoroso provindo da vida das suas comunidades.

2. PROBLEMAS

Uma prospeção, identificação e inventariação sumária dos problemas sociais, económicos e ambientais observados no âmbito do habitat da *cidade de macuti*, foi a primeira tarefa deste grupo de trabalho. Teve foco no Bairro Lithine (*buraco* ou *cova*, em língua local), no qual vivem 3.787 pessoas, e foi iniciada pelo contacto direto com os representantes da comunidade, a quem se expuseram os propósitos da investigação e os objetivos desta *oficina*. Depois, com o seu apoio (do qual destacamos o do secretário Tomás Gaita e o do seu assessor, como tradutor, Mussa Ali), decorreu o contacto com a população sobre os problemas de

habitabilidade das casas. Tornou-se óbvia a necessidade de visitar as casas, para o que foi selecionado um número restrito das que seriam submetidas a levantamento desenhado e, subseqüentemente, a projeto de requalificação.

A generalidade dos problemas identificados pelos habitantes decorrem do sistema construtivo e dos materiais, surgindo em primeiro lugar a falta de estanquidade das coberturas e a dificuldade de aquisição do *macuti* pela sua crescente escassez e elevado preço. Mas também a dificuldade em reparar ou repor a *laca* nas paredes de caniço. Poucos referiram as questões infraestruturais, como o saneamento, a drenagem ou as condições de confeção dos alimentos. Assim, a discussão acabou por se centrar nas eventuais alternativas à utilização do *macuti*, em particular na utilização de chapa de zinco, seguindo-se a substituição das paredes de caniço por alvenarias de blocos de cimento. A reunião decorreu diante da casa do secretário e essencialmente com mulheres. Esta casa tradicional é quase um caso único na sua rua, pois as demais são quase todas já em blocos de cimento, praticamente sem janelas, com coberturas de laje de betão ou chapas de zinco. É a evidência das profundas alterações em curso e permitiu discutir mais facilmente as vantagens e desvantagens técnicas e culturais dessa transformação. Particularizaram-se as questões da ausência de ventilação nos sistemas em crescente implementação; as vantagens do prolongamento dos telhados, que não só abrigam as paredes da chuva, como proporcionam sombra; e a importância do pequeno quintal como extensão do espaço interior e privado da casa. Por fim, abordaram-se as questões da herança cultural e da identidade. As mulheres, que tomaram a palavra, reconheceram, sem reservas, que as casas de bloco de cimento são muito mais quentes e abafadas, contudo, tornaram claro que o problema principal não é esse nem as casas em si, mas a dificuldade em suportar o custo das chapas de zinco e, ainda mais, aquisição de blocos de cimento.

Foi esta a forma de se passar a discutir a viabilidade de melhorar o rendimento das famílias, no contexto da instalação da Unilúrio na Ilha, designadamente através da adaptação de um compartimento por casa, uma unidade de alojamento para um estudante. A reação foi muito positiva, colocando-se, uma vez mais, a questão do financiamento dessa adaptação.

3. BREVE ANÁLISE

A casa de tipo Swahili possui uma grande facilidade de adaptação que, no passado, facilitou a sua utilização por povos com tradições culturais bastante diferentes e que hoje permitiria, se se estudarem medidas técnicas e financeiras apropriadas, que se adaptasse para responder às exigências de uma conceção moderna de habitar. Mas, se pelo contrário, não houver nenhuma intervenção para apoiar e encorajar a produção tradicional, a casa de tipo Swahili, que no passado se difundiu em tantas partes de África, está provavelmente destinada a desaparecer no futuro (Bruschi, 2001: 161).



A *casa de macuti* está diretamente relacionada com a cultura Swahili, adquirindo especificidades em função das suas várias regiões. A sua análise e caracterização, com base nos dados recolhidos no terreno, permitiu sintetizar um conjunto de questões transversais, quer do ponto de vista tipológico e construtivo, quer no que diz respeito às patologias recorrentes.

Observaram-se diversas intervenções em curso, executadas por artesãos locais e pelo proprietário, o que foi essencial para a compreensão dos processos de preparação e execução dos trabalhos. Ficamos a saber, por exemplo, que o aumento do custo e pior qualidade do *macuti* se deve à crescente escassez do tipo de palmeira em questão (*macarazi*) nas proximidades, o que leva à sua recolha em locais cada vez mais distantes e ainda verde, aumentando o preço e limitando a

sua durabilidade a 1-2 anos. Uma casa de dimensão média necessita de 250-300 molhes de folhas que custam 30 meticais cada, face a um rendimento médio diário na pesca de cerca de 100. Além da macarazi é comum o recurso à folha de coqueiro, revirada e enlaçada ao caule central, formando uma *telha standardizada*, denominada *hambeka*, mas cuja obtenção tem semelhante dificuldade.

A casa do Sr. Amisse e do irmão Xarama, localizada no barro Esteu, fotografada e desenhada no momento em que se encontrava a ser renovada, permitiu registar os processos construtivos da fundação à cobertura, passando pelas paredes de engradados de cana, preenchidos com pedra catalina. As amarrações em "pita" de borracha reciclada substituirá as cordas de sisal para garantir maior durabilidade.

A resistência dos materiais ao desgaste do clima será neste momento um dos problemas identificados em que se torna insustentável para os moradores manterem este sistema tradicional, designado por Macuti. E dentro deste sistema temos variantes na técnica e nos materiais.

O pau-a-pique e o engradado de pedra, ambos recorrendo à cana, são a base estrutural das paredes, que após o reboco final não se percebem. Ao pau-a-pique está associado o termo *taca-taca* que tendencialmente reproduz uma parede muito esticada, contendo pau-a-pique e o engradado de cana e prumos de madeira de mangal amarrados e preenchidos com uma argamassa composta por areia fina e cal. Ambos os sistemas encontram-se em extinção ainda que o engradado de pedra se mantinha nos reconstruções. O bloco de betão encontra-se em acentuado progresso.

As coberturas da casa Macuti encontram-se igualmente em transição para a chapa de zinco, contudo ainda se observa um número significativo de casas com cobertura vegetal com "telhas" de coqueiro, capim ou macarazi. O tempo de apunha destas matérias deixou de ser a refeira para as pessoas que os comercializam pelo que ao apunharem a folha do coqueiro ainda verde reduz a durabilidade de três anos para um ano. A "telha" de coqueiro é executada a partir de uma folha em bruto no local da armacão. É executada pelo artesão/construtor ou pelo proprietário. A esta telha está associada a casa Macuti, que apesar da sua substituição pela folha Macarazi, continua a ser denominada por macuti.

Os molhos de macarazi custam cerca de 30 meticais e uma casa pode acolher cerca de 250 a 300 molhos.

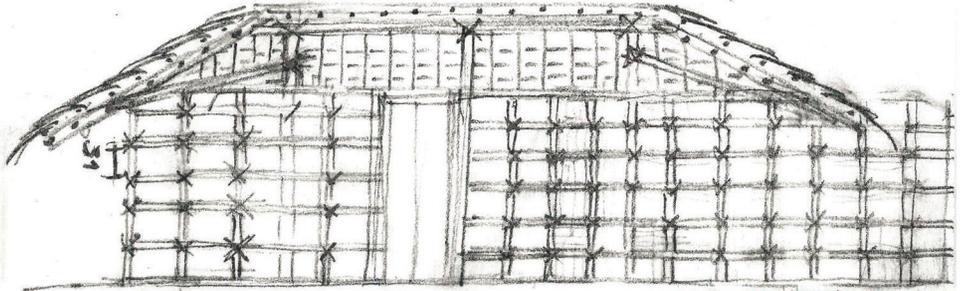
A casa do Barro Esteu estava a ser renovada pelo mestre Nahota e pelo ajudante Dauto no dia 26 de julho 17

Corte para funcionar como mola pressionada na cana.

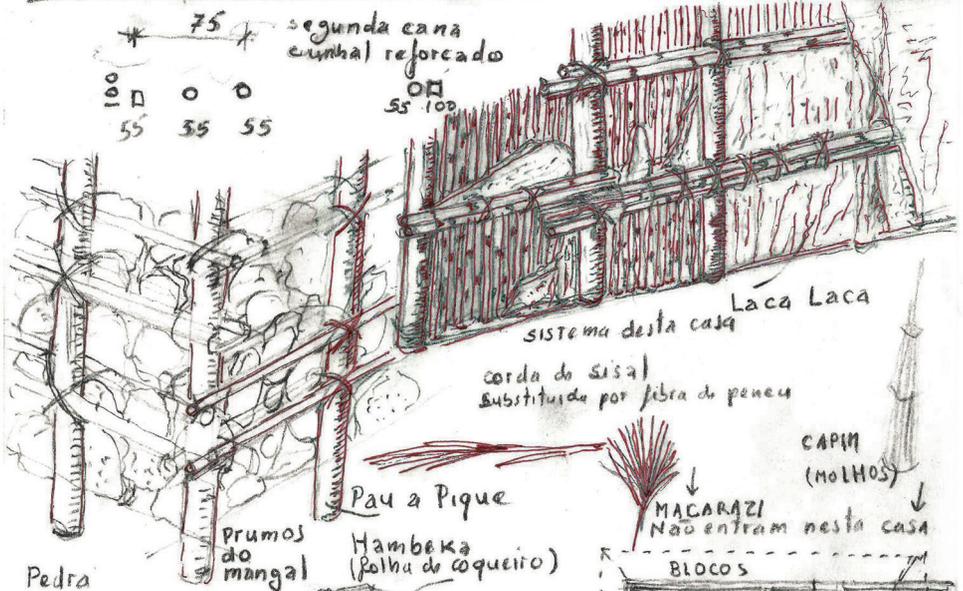




ILHA de MOCAMBIQUE BAIRRO LITINI - MACUTI
 CASA de Anly Sadique Xandy
 Pescador



75
 segunda cana
 eunhal reforçado
 100 0 0
 55 55 55
 OM
 55 100



Laca Laca
 sistema desta casa

corda do sisal
 substituída por fibra de penecu

CAPIM
 (MOLHOS)

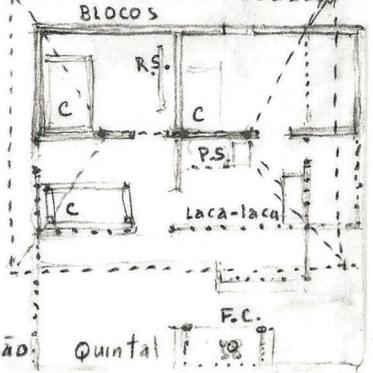
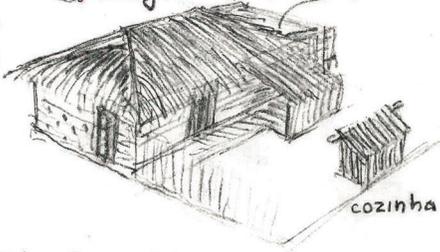
MACARAZI
 Não entram nesta casa

Pau a Pique

Prumos
 do mangal

Hambeka
 (folha do coqueiro)

Pedra
 coralina
 sistema
 de outras
 casa)



CAMA - QUITANDA

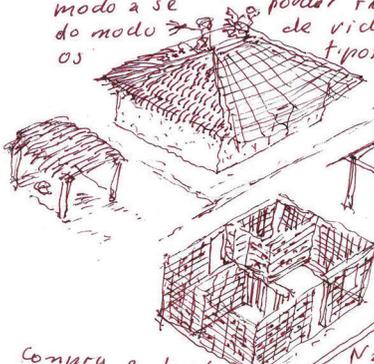
C - cama R.S. Roupa Suspensa

P.S. Prateleira Suspensa F.C. Fogo de Chão

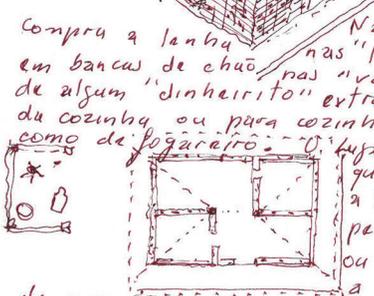
Quintal

F.C.

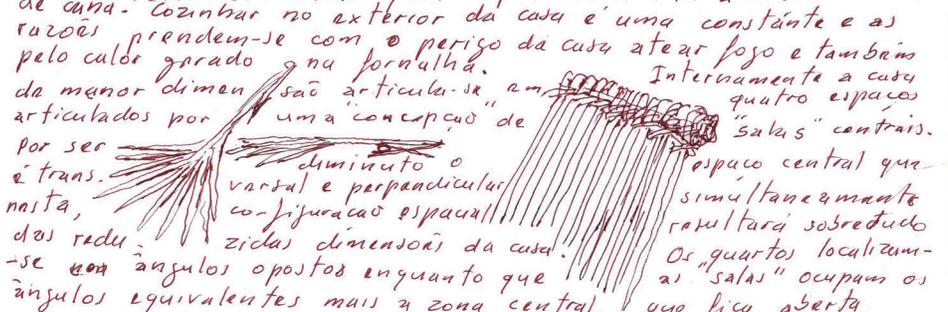
No contacto directo com a população do bairro de Esteio, foi possível estabelecer diálogo com proprietários e construtores artesanais, de modo a se poder registar um conjunto de dados esclarecedoras do modo de vida associado às casas. Procurou-se encontrar tipos representativos tanto no plano formal volumétrico mas também espaço funcional. Observou-se a vida doméstica no contexto da preparação das refeições que se inicia no lugar da água e do fogo. Algumas casas têm poço com água salobra mas que é utilizado em algumas actividades domésticas como lavagem de roupa. Algumas casas dispõem de água canalizada enquanto que a maioria tem de se abastecer em sistemas de água potável.



Na preparação do fogo de chão o agrado das "lojas" informais do bairro, normalmente nas "ruínas" das casas ou, quando dispõem de algum "dinheirito" extra compram a cozinha ou para cozinhar tanto como de fogareiro. O lugar da coz. que o lugar a tardoz pelo pórtico ou numa construção a quatro prumos e uma armadão básica de cana. Cozinhar no exterior da casa é uma constante e as razões prendem-se com o perigo da casa atear fogo e também pelo calor gerado na fornalha. Internamente a casa é articulada por quatro espaços "salas" contrais. Por ser diminuto o espaço central que é trans. vertical e perpendicular simultaneamente resulta sobretudo nesta, configuração espacial dos quartos localizantes. Os quartos localizam-se nos ângulos opostos enquanto que as "salas" ocupam os ângulos equivalentes mais a zona central, que fica aberta.



Este tipo provavelmente terá sido gradualmente melhorado até se fixarem os tipos dominantes. A técnica construtiva resulta da construção de uma armadão dupla de paredes de cana com prumos de mangal amarrados com corda de sisal ou de côco. No interior da "gaiola" interfram-se pedras de coral dispondo-se com grande destreza do mastro para deixar poucos vazios entre elas. A carga das pedras deve apoiar nas pedras inferiores e não nas canas que apertam as contêm.



A técnica construtiva resulta da construção de uma armadão dupla de paredes de cana com prumos de mangal amarrados com corda de sisal ou de côco. No interior da "gaiola" interfram-se pedras de coral dispondo-se com grande destreza do mastro para deixar poucos vazios entre elas. A carga das pedras deve apoiar nas pedras inferiores e não nas canas que apertam as contêm.



Uma das casas em requalificação, integralmente construída em cana e com paredes exteriores e interiores engradadas para acolher pedra de coral, estrutura-se em prumos e tirantes de madeira, sobre os quais e em posição central se implantam os prumos (*tucas*) de apoio do rincão superior (*mamba*), onde amarram superiormente as varas das pendentes. Estas, em sentido inverso, pousam no frechal periférico. Sob este, fixam-se os aros das janelas/portadas e das portas.

A referida *lacialaca* consiste na composição de reboco consolidante das paredes. Esta camada, exterior e interior, protege a armação constituída por prumos verticais (paus de mangal), engradados por uma malha exterior espaçada, por fieiras de canas amarradas aos prumos. Interiormente, dispõem-se na vertical e sem espaçamento entre elas, sendo amarradas à armação de prumos. Este reboco, que preenche toda a espessura dos prumos e reveste uniformemente toda a casa, tem boa resistência pelo facto de a sua composição incorporar cal. Com a caiação final, toda a armação fica oculta, sendo a expressão resultante a de uma casa de alvenaria.

Em termos de organização do espaço, o tipo de casa mais comum tem quatro compartimentos ou, nas de maior dimensão, seis, podendo o central ser aberto para o pequeno quintal. Estes tipos ter-se-ão mantido praticamente inalterados, uma vez que o que ali vemos hoje corresponde ao descrito por Alexandre Lobato em 1966 (Lobato, 1966: 90-91).

A organização espacial funcional das casas dos bairros de Mauá inscreve-se numa hierarquia relacionada com o espaço sala fronteiro onde os homens se reúnem a partir da "varanda" e no tardio desta a sala das mulheres que nas situações mais elementares por vezes acolhe o fogareiro em substituição do fogo de chão. Os quartos dos dois lados têm acesso directo às salas de concentração central. A técnica ou de "segredo" nos dois lados observa-se métrica entre a largura do rincão. Este apoia-se apoiado em duas vigas/toros que cruzam na perpendicularidade de Este sistema permite que o rincão da cobertura seja inferior a largura das paredes da sala onde supostamente esses toros ou travessas se poderiam apoiar.

6 é pinto no espaço e curioso porque os toros nam ou pelo menos sugerem comportarem-se pendurais. Este tipo básico terá uma adição de mais no sentido paralelo

Este sistema evoluiu para três dimensões

Em termos volumétricos a casa adquire um maior eusclerando-se a cobertura quer pela área que ocupa quer pela altura e inclinação. As abas laterais ou tancas adquiriram um particular forma ao acentuarem em ligeiro desfasamento das pendentes laterais que ao se interiorizarem criam uma zona de sombra por onde passa a ventilação da casa. Algumas paus são colocados como cunhas para contrariar a flacha das pendentes a um terço da altura, apoiando-se nas travessas (toros) e travancando um par de canchais longitudinais que amarradas adquirem uma particular resistência longitudinal.

funcionando como

Todo o conjunto composto por paredes exteriores, interiores e armadas funcionam como um bloco unificado por contendas de nós de corda da sisal ou tiras de borracha. Sobre os vãos das portas interiores colocam-se as toros ou linhas do frechal que fixam as armadas dos respectivos vãos. Estes têm lixações por encaixe sem prego ou cavilha de madeira. Mesmo o Rincão é amarrado aos prumos com pontas em forquilha e estas são igualmente amarradas aos toros inferiores.

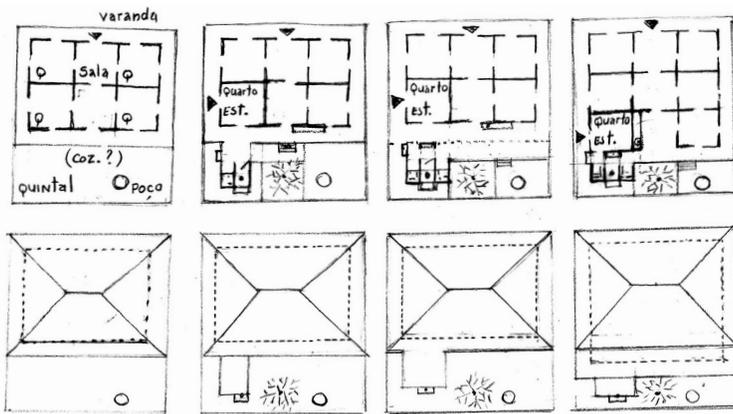
4. PROPOSTAS

Uma vez identificados e caracterizados os tipos das casas, as patologias construtivas, a realidade socioeconómica e as principais aspirações dos habitantes, procurou-se estabelecer um método evolutivo de intervenção, uma estrutura reguladora, tipificada e programada. A fase experimental dos projetos e a sua implementação deverão assegurar a flexibilidade entre os contributos multidisciplinares e a articulação com a sua gestão financeira. Para tal, poderá ser crucial, para o apoio às famílias, o *Estique*, sistema financeiro de microcrédito — provavelmente passando por uma fase inicial a fundo perdido —, com vista à realização dos primeiros níveis de intervenção. O rendimento que a família obtém com o aluguer do quarto de hóspede funcionará como um suporte económico de sustentabilidade do empréstimo e da manutenção da casa, sendo determinante uma programação hierarquizada das intervenções face à evolução do rendimento familiar e decorrente da criação de condições de sustentabilidade e resiliência.



Propõe-se que essa hierarquização seja guiada da seguinte forma: prioridade à salubridade, com destaque para a estanquidade à chuva da cobertura, contenção dos níveis freáticos e ventilação interna da casa; seguem-se a introdução de retrete seca, a limpeza e salvaguarda dos poços e reservatórios, a introdução de uma árvore por quintal para potenciar sombra e frutos; higienização da zona de preparação e confeção dos alimentos e dos compartimentos internos da casa. Em quase todas estas intervenções estão associadas medidas corretivas no plano estrutural e de conservação da unidade arquitetónica.

As ações relacionadas com a adaptação de cada casa ao acolhimento de um hóspede hierarquizam-se a partir do reajustamento de um compartimento preexistente que, para além das condições básicas, deverá ser autónomo, ou seja, com acesso direto ao exterior. Desde logo, nesta primeira fase a casa deverá já dispor de uma retrete, seguindo-se uma zona de banho que terá um lavatório cujas águas, com as do banho e de lavagens da roupa, serão dispersas para uma caixa de areia que comunica com a caldeira de uma árvore entretanto plantada. A maçanica é a árvore mais comum na *cidade de macuti* e tem a vantagem de ser fruteira, bem como o seu desenvolvimento se enquadrar nas dimensões dos pequenos quintais. Numa outra fase poder-se-á construir um quarto de hóspedes adjacente à casa, ou mesmo autonomamente, associando-se ao conjunto sanitário.



1 CASA - EXISTENTE

2 QUARTO de ESTUDANTE
latrina seca - banho
(sanitário base)
PLANTAR ÁRVORE

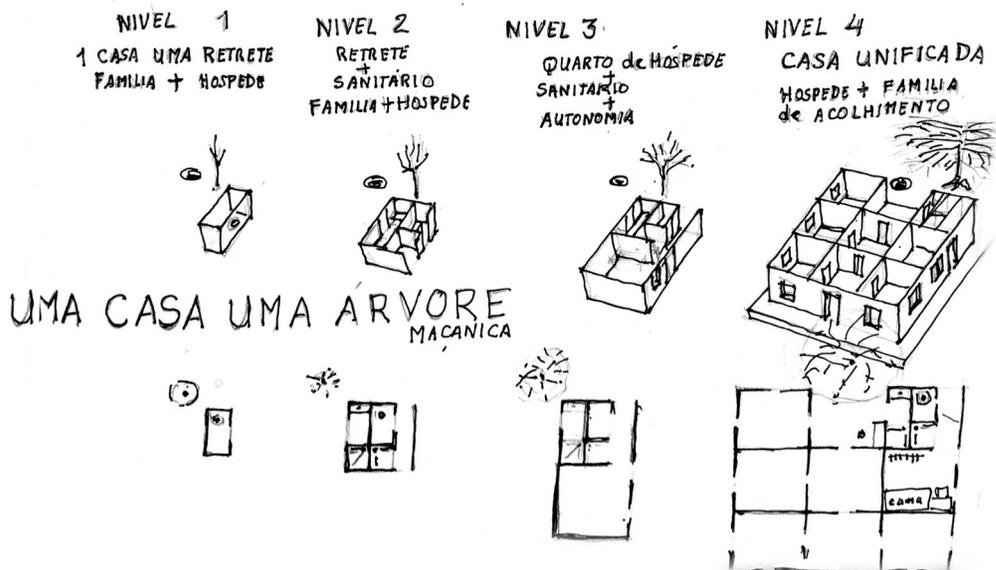
3 BANHOS SEPARADOS
Família e Estudante
configuração do
módulo sanitário

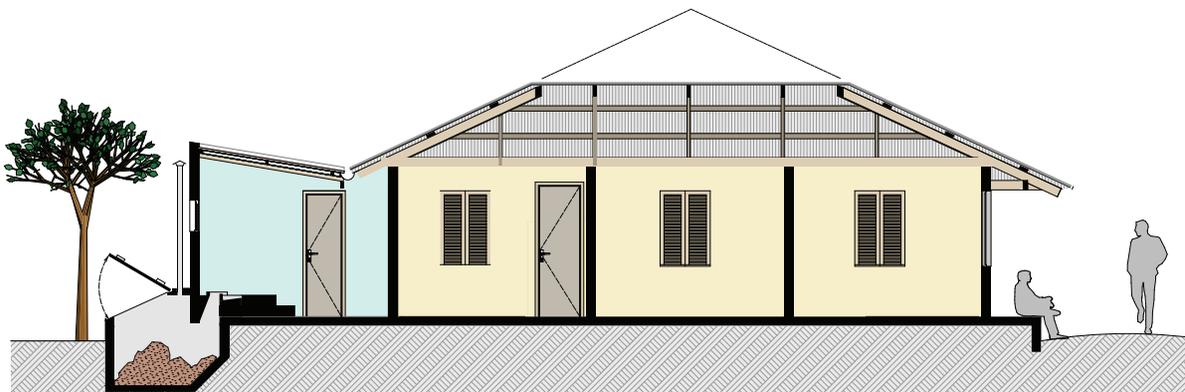
4 AMPLIAÇÃO da CASA
COM dois Quartos
Mantém o módulo
sanitário sem
alterações
RECONFIGURAÇÃO
DA COBERTURA

Às medidas corretivas que visam a melhoria da habitabilidade e conforto das casas, associam-se pequenas intervenções que visam a sua otimização funcional interna e com o pequeno quintal. Parte da vida diária decorre no espaço exterior coberto, resultante do prolongamento da cobertura, ou de um alpendre recuado em relação ao plano da fachada. É ali que, de um modo geral, se confeccionam e se tomam os alimentos em família. A pequena fornalha de chão, localizada no ângulo interior das paredes de caniço revestidas de argamassa para proteção do fogo, constitui um dos gastos mais significativos dos agregados familiares. Algumas casas têm o local de confeção autonomizado, de modo a salvaguardar a potencial propagação do fogo, principalmente nas casas de cana sem revestimento. Regista-se, assim, a relevância do local de confeção e da necessidade de introduzir algumas correções na potencial reintegração deste espaço no conjunto edificado.



A organização espacial tradicional das casas articula quatro espaços, em que os dois laterais são destinados a quartos de dormir e, os outros dois, ligeiramente maiores, são utilizados como salas (a da frente, diretamente relacionada com a varanda e, por isso, para receber, e a detrás, onde as mulheres convivem em família e confeccionam a comida em articulação com o quintal). As casas de seis compartimentos têm um perímetro retangular, centralizando as salas e ampliando em dois o número de quartos, por simetria aos outros dois. Um outro tipo, menos frequente, amplia a casa de seis para nove compartimentos, retomando de novo a configuração quadrangular e uma significativa altura da cobertura. Notabiliza-se o espaço central deste tipo devido à amplitude do desvão e à perfeição das fieiras de *macarazi* ou de *hambeka*. Ao analisar os diferentes tipos de casa torna-se claro, pela sua modularidade, como haverá casas que permanecem como foram criadas e outras que terão sofrido acrescentos, sendo essa uma das principais chaves das intervenções.





A questão central da salubridade prende-se com a retrete que, em virtude da escassez de água, deverá ser do tipo seca. A condição desta solução é a de permitir a lavagem separada, ou seja, sem introdução da água na cuba da retrete, sendo esta conduzida para a caixa de areia que antecede a caldeira da árvore. É uma condição incontornável pois, por razões religiosas e culturais, é um ato no qual deverá ser possível utilizar abundantemente a água. É também relevante a criação de uma bancada elevada do pavimento (para preparação e confeção dos alimentos) de modo a higienizar o local que deverá manter a sua posição tradicional. No âmbito dos compartimentos, propõe-se a integração de vãos de modo a assegurar a ventilação e, assim, a sua salubridade.



No que diz respeito à substituição dos materiais tradicionais sugeridos pelos residentes, consideramos que se poderá executar, numa fase experimental, um protótipo para melhoramento e correção conforme o seu desempenho. A reabilitação das casas existentes poderá passar por integrar a chapa de zinco e, sobre a mesma, instalar um varedo contínuo de caniço no sentido da pendente, de forma a atenuar o efeito de calor e minimizar o impacto visual. Quanto à construção nova ser feita em blocos de cimento, é proposto o recurso aos blocos de adobe comuns no continente, em redor da Ilha, podendo ser produzidos nesse contexto ou efetuar-se o transporte da terra e serem enformados no local. Para melhorar termicamente as paredes propõe-se o seu revestimento a *laca*. Com estas técnicas garante-se a permanência dos artesãos e a salvaguarda da casa tradicional, uma tentativa de atender e acrescentar soluções, como sugere Sandro Bruschi:

Hoje, todavia, é preciso atender à necessidade de casas de muito baixo custo e a condição mais fácil e económica de utilização da chapa metálica verifica-se nas coberturas de águas independentes. Consequentemente, a cobertura com quatro vertentes tende atualmente a desaparecer, toda a organização interior é alterada pela facilidade de organizar quartos com cobertura e estrutura independentes uns dos outros e, finalmente, dado que as coberturas são independentes, não há razão para manter a forma compacta do exterior da casa. (2001: 161).

Propõem-se ainda tipos de casa a construir de raiz, aproximando-as da volumetria, expressão e identidade espaciais das preexistentes, mas incorporando algumas inovações que terão de ser validadas pelos utentes. Para tal, levaram-se em linha de conta a investigação e projetos de arquitetos que há décadas têm desenvolvido trabalho nesta área e de entre os quais aqui se destacam Júlio Carrilho, Luís Laje, Sandro Bruschi e Carlos Menezes.

5. EXPECTATIVAS

As sessões públicas do *Oficinas*, onde nos foi possível apresentar estas propostas, permitiram constatar o interesse crescente da assistência, misturada com a incredibilidade face a antecedentes não concretizados e à dificuldade em perceber o potencial funcionamento do que se propõe, em particular no que diz respeito às obrigações de gestão do processo, sobretudo do plano de financiamento *Estique*.

As possibilidades e expectativas de melhorar as casas terão ficado patentes nessas apresentações e nas abordagens dos representantes dos bairros e das famílias visitadas. Importa auspiciar que este pequeno contributo possa vir a alicerçar-se num ambicioso plano que contenha mecanismos de ajustamento à realidade no terreno.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Raquel Soeiro de (dir.) (1970) “Ilha de Moçambique”, *Revista Geographica*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 21, 3-21.
- BRUSCHI, Sandro (2001) *Campo e Cidades da África Antiga*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane.
- CARRILHO, Júlio et al. (2001) *Um olhar para o habitat informal moçambicano: de Lichinga a Maputo*. Maputo: Centro de Estudos e Desenvolvimento do Habitat.
- LOBATO, António (1966) *Ilha de Moçambique: panorama estético*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.